



# A Santa Sé

---

## VISITA PASTORAL DO SANTO PADRE A PÁDUA

### SOLENE CONCELEBRAÇÃO NO ENCERRAMENTO DA VISITA PASTORAL

#### *HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II*

*Pádua, Prato della Valle*

*Domingo, 12 de Setembro de 1982*

1. "Começou, depois, a ensinar-lhes que o *Filho do Homem* tinha de sofrer muito, e ser rejeitado... e *ser morto*, e ressuscitar depois de três dias" (*Mc 8, 31*).

Lemos estas palavras hoje no Evangelho segundo Marcos, em que os Apóstolos respondem à pergunta de Cristo: "Quem dizem os homens que Eu sou?" (*Mc 8, 27*).

Conhecemos *esta pergunta*, e conhecemos as respostas que deram os interlocutores. No fim Jesus perguntou: "E vós quem dizeis que Eu sou?". *Pedro respondeu-lhe*: "Tu és o Cristo", que significa o Messias (*Mc 8, 29*).

Conhecemos também esta resposta de Pedro na versão mais longa do Evangelista Mateus. Pedro professa *a dignidade messiânica* de Jesus de Nazaré. E eis que o mesmo Pedro quando ouve que o Messias, o Filho do Homem, deve ser rejeitado, torturado e morto, tomou Jesus à parte e começou a repreendê-1'O (cf. *Mc 8, 32*). "*Repreendê-1'O*" significa que procura convencer-1'O que isso jamais aconteceria (cf. *Mt 16, 22*).

Assim pensa e assim diz o mesmo Pedro, que professou Jesus de Nazaré como o Messias.

E então Cristo *repreende* Pedro com palavras tão severas como talvez nunca usara para com algum outro dos Apóstolos: "Afasta-te de Mim, Satanás, porque os teus sentimentos não são os de Deus, mas os dos homens" (*Mc 8, 33*).

O mesmo Pedro, que confessou a fé no Messias, não queria acreditar que Ele, "o Ungido de Deus", era ao mesmo tempo "o Cordeiro de Deus"; era "o servo de Javé" do Antigo Testamento, torturado e humilhado até ao fim como anunciara o profeta Isaías, segundo o trecho escutado na primeira leitura de hoje.

E por isso Cristo protestou de modo tão categórico.

2. Caros Irmãos e Irmãs! Estamos aqui hoje *nas pegadas dos Santos*, que aceitaram o mistério do "Cordeiro de Deus" e do "Servo de Deus" com toda a alma e O amaram com todo o coração.

*Francisco de Assis*, de quem recordamos o oitavo centenário do nascimento, não podia talvez repetir com Paulo Apóstolo as palavras: "Quanto a mim. Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo"? (*Gál 6, 14*).

E a mesma fé professou-a com o seu Mestre de Assis, António de Pádua, de quem a Igreja celebrou no ano passado o 750º aniversário da morte, particularmente nesta cidade, de maneira tão estreita ligada ao seu nome.

Francisco e António não apenas *professaram* a sua fé na Cruz e no Crucificado, mas também amaram Aquele que tanto nos amou, sem reserva, a ponto de chegar à Cruz e de aceitá-la!

Com o olhar dirigido para Santo António e para o seu Mestre São Francisco, apresento a minha saudação a todos vós que estais reunidos nesta imensa praça para a Celebração Eucarística! Saúdo em primeiro lugar o Pastor desta Diocese, D. Filippo Franceschi, e o seu Predecessor, o venerando D. Girolamo Bortignon; saúdo cordialmente as Autoridades, os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os pais e as mães de família, os trabalhadores, os jovens e as jovens, as crianças, os doentes, todos os presentes.

3. São Francisco e Santo António meditaram no próprio coração sobre tudo isto que o profeta Isaías escrevera a respeito do "Servo de Javé", e que, diversos séculos antes, parece descrever, de modo tão detalhado e preciso, os acontecimentos da *Sexta-feira Santa*:

"Aos que me feriam, apresentei as minhas espáduas, / e as minhas faces aos que me arrancavam a barba; / não desviei o meu rosto / dos que me ultrajavam e cuspiam..." (*Is 50, 6*).

Quão próximas estavam do coração de Francisco e de António estas *feridas e ofensas!*

Quão viva era, para cada um deles, esta "contenda", enfrentada por Cristo para a salvação do homem:

"... por isso não me senti confundido, / endureci o meu rosto como uma pedra / convencido de que não ficaria envergonhado... / quem ousará atacar-me? Apresentemo-nos juntos! / Quem será o meu adversário? / Que se apresente! / O Senhor Deus vem em meu auxílio, / quem ousaria condenar-me?" (Is 50, 7-9).

Francisco e António leram com o ânimo e com o coração, com a fé e com o amor, esta "*contenda messiânica*", que atinge o seu ápice no Getsémani e no Calvário.

E por isso cresciam neles não só a fé, a esperança e a caridade, mas também aquela "glória na cruz", sobre a qual escreveu o Apóstolo na carta aos Gálatas.

4. Porquê a "glória na cruz"? Porque não "*outra glória senão na cruz de Cristo*"?

Porque a cruz proclama até ao fim, e acima de toda outra medida, acima de todo o argumento do intelecto e da ciência, quem é o homem, aos olhos de Deus, no seu eterno plano de amor!

Proclama-o uma vez para sempre e de maneira irreversível. Não se pode aprender profundamente a dignidade do homem a não ser "gloriando-se somente na cruz". E o sentido da vida humana, o sentido que ela tem no eterno plano de amor, não se pode compreender senão mediante aquela "*contenda messiânica*", que Jesus de Nazaré teve um dia com Pedro e ainda hoje continua a ter com todos os homens e com a inteira humanidade.

O cristianismo é a religião da "*contenda messiânica*" com o homem e pelo homem.

Disto damos-nos conta de modo claro, especialmente quando nos voltamos para as pegadas dos grandes seguidores de Cristo Crucificado: Francisco de Assis e António de Pádua.

5. A palavra de Deus na presente liturgia permite-nos compreender que aquela contenda messiânica pelo homem... com o homem, tem sempre a sua dimensão temporal e histórica.

Não fala disto, na segunda leitura, o Apóstolo Tiago ao ensinar que a fé *sem as obras é morta em si mesma*?

"De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé se não tiver obras? Acaso essa fé poderá salvá-lo?" (2, 14).

E assim, mediante estas simples e fundamentais *palavras do Apóstolo*, aquela contenda messiânica com o homem e pelo homem exprime-se como o conteúdo da vida humana na dimensão de cada dia e de toda a história terrestre da humanidade.

*Na perspectiva da fé* está, em cada lugar, *um outro homem*: "um irmão ou uma irmã... nus e

desprovidos do alimento quotidiano" (*Tg 2, 15*). O outro homem, *o homem necessitado* em qualquer lugar da longitude e da latitude geográfica, constitui um desafio para a fé.

Quantos são estes irmãos e estas irmãs no mundo? Quantos estão ao nosso alcance imediato? E de quantos modos eles sofrem carências: a fome, a penúria, o aviltamento dos seus fundamentais direitos humanos?

Por isso Francisco de Assis e António de Pádua empreenderam, nos seus tempos, aquela contenda evangélica com todos os homens e por todos eles à medida dos Apóstolos e dos Santos.

Por isso, também aos nossos dias a encíclica *Redemptor hominis* recorda que o homem é e não cessa de ser o *fundamental caminho da Igreja*" (n. 14), o homem contemporâneo, cuja dignidade aos olhos do Criador e do Redentor, não cessa de testemunhar a Cruz de Cristo!

6. Aquela contenda com o homem... e pelo homem, empreendida por Cristo, tem ao mesmo tempo uma *outra dimensão: a de decidir o perene e também eterno destino do homem*, como ser criado à imagem e semelhança de Deus.

Na existência humana neste mundo desenvolve-se como que um grande *drama da vida e da morte*, conforme o que nos recorda hoje o Salmista:

"Quando os laços da morte me envolvem, / e as angústias do inferno caem sobre mim, / quando me encontro na aflição e na ansiedade" (*Sl 116, 3*).

Cristo veio ao mundo, *para se unir ao homem* neste drama definitivo da sua existência. Exactamente por isso Paulo de Tarso e, depois dele, Francisco de Assis e António de Pádua se gloriam na Cruz de Cristo. Pois nela está a plena resposta a este brado mais profundo do homem consciente dos seus destinos ultratemporais.

"Com efeito, preservou-me da morte / os meus olhos das lágrimas, / os meus pés da queda. / *Andarei na presença do Senhor / no mundo dos vivos*" (*Sl 116, 8-9*).

A fé, na sua dimensão temporal e histórica, vive mediante as obras de caridade do homem. A fé, na sua dimensão definitiva e eterna, exprime-se *mediante a participação neste Amor*, que permite superar o pecado e a morte.

Este mesmo amor de Deus gera a alegria, a ilimitada alegria de viver, de caminhar na presença de Deus.

Uma tal alegria levavam ao mundo, nos Seus tempos, Francisco e António e a ressonância dessa

alegria perdura até hoje;

"Amo o Senhor porque Ele ouviu / a voz do meu lamento: / porque inclinou para mim os Seus ouvidos, / no dia em que O invoquei" (Sl 116, 1-2).

Assim, portanto, aquela "*contenda messiânica*" com o homem... pelo homem, empreendida por Cristo, se resolve mediante o amor, e o amor torna definitivamente o homem feliz; o amor de Deus acima de todas as coisas, que se manifesta mediante o amor do homem, de cada irmão e irmã, que Deus coloca no caminho da nossa peregrinação terrestre.

7. Eis a eloquência que também nos nossos tempos, após tantos séculos, tem o testemunho da vida de Francisco de Assis e de António de Pádua.

*Eles caminham através dos séculos*, não tendo, cada um deles, outra glória senão na cruz de Cristo e dizem às gerações sempre novas que força tem a fé vivificada pelo amor.

E nós, que recordamos a vida e as obras deles, devemos perguntar-nos: estamos decididos a aceitar esta contenda que Cristo mantém com o homem pelo homem?.., estamos prontos a participar nela? É a pergunta sobre a nossa fé, o amor e a caridade.

É a pergunta sobre o nosso *hoje e amanhã* cristãos!

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana